

**MATERNIDADE NEGRA E VIDA UNIVERSITÁRIA:
A CIRANDA BELLHOOKS E AS MULHERES NEGRAS CAMPONESAS DO MESTRADO PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**

**BLACK MOTHERHOOD AND UNIVERSITY LIFE:
CIRANDA BELLHOOKS AND BLACK PEASANT WOMEN FROM THE PROFESSIONAL MASTER'S
DEGREE IN RURAL EDUCATION AT UFRB**

Marly dos Santos Nunes

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação do Campo
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Ana Cristina Nascimento Givigi

Doutora em Educação
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo

Este trabalho é fruto da etapa de qualificação de projeto apresentado ao Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Problematizamos que conciliar a maternidade e a vida acadêmica tornou-se uma complexa empreitada para as mulheres, especialmente para as negras e camponesas. Dentre as barreiras, encontram-se o modelo de ensino superior e a ciência moderna, cujas características afastam as mulheres da produção científica, numa sociedade que as submete à dupla (ou tripla) jornada de trabalho. Além disso, as desigualdades atingem com mais força as mulheres negras, cujos corpos são controlados por imagens produzidas para estereotipá-las e naturalizar a cotidiana violência racial e de gênero que sofrem. A ausência de creches e políticas públicas para mães na pós-graduação acentua a violência impingida às mulheres, que acabam por se desestabilizar pelas tensões entre a vida acadêmica e maternidade. O acesso mais tardio ao ensino superior, empregos com menor remuneração qualificação, somam-se à invisibilidade do legado de mulheres negras no campo, por vezes descartando-as como sujeitos de saber e de luta. Assim, este artigo objetiva refletir sobre as relações entre maternidade e vida acadêmica para as mulheres mães negras do Mestrado Profissional em Educação do Campo e, posteriormente, entender como vivenciam a (in) existência de políticas públicas no contexto da pós-graduação. Por meio da pesquisa-ação, construiremos com

elas, o Projeto de Ciranda bell hooks, cujo objetivo será oferecer, durante as Etapas de Tempo Universidade, um espaço de formação, de cuidado e de recreação educativa para seus/suas filhos/as.

Palavras-chave: Maternidade negra. Mães negras na pós-graduação. Educação do campo. Ciranda bell hooks.

Abstrat

This work is the result of the qualification stage of a project presented to the Professional Master's Degree in Rural Education at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). We problematize that reconciling motherhood and academic life has become a complex undertaking for women, especially for black and peasant women. Among the barriers, we find the higher education model and modern science, whose characteristics keep women away from scientific production, in a society that subjects them to double (or triple) working hours. Furthermore, inequalities affect black women the hardest, our bodies are controlled by images produced to stereotype them and naturalize the daily racial and gender-based violence they suffer. The absence of daycare centers and public policies for mothers in postgraduate studies with an emphasis on the violence inflicted on women ends up being destabilized by the specialists between academic life and motherhood. Later access to higher education, and jobs with lower qualified salaries, add to the invisibility of the legacy of black women in the countryside, sometimes dismissing them as subjects of knowledge and struggle. Thus, this objective article reflects on the relationships between motherhood and academic life for black women mothers in the Professional Master's Degree in Rural Education. It also aims to understand how they experience the (in)existence of public policies in the context of postgraduate studies. Through action research, we will build with them the Ciranda bell hooks Project, whose objective will be to offer, during the University Time Stages, a space for training, care, and educational recreation for their children.

Keywords: Black motherhood, Black mothers in postgraduate studies; Rural

education; Ciranda bell hooks

1 Introdução

Este artigo apresenta dados parciais da pesquisa vinculada à Linha 3 – Cultura, Raça, Gênero e Educação do Campo e apresentada durante a etapa da qualificação de projeto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo (PPGEDUCAMPO), modalidade profissional, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Formação de Professores (CFP), em Amargosa/BA. Para este texto temos o objetivo de refletir sobre as relações entre maternidade e vida acadêmica para as mulheres mães negras do Mestrado Profissional em Educação do Campo e, posteriormente, entender como vivenciam a (in) existência de políticas públicas no contexto da pós-graduação. Depois disso, almejamos traçar com elas, por meio da pesquisa-ação, um Projeto de Ciranda, que denominaremos bell hooks, que tem como objetivo oferecer um espaço educativo de cultura e formação, de cuidado e de recreação educativa para os/as filhos/as das discentes regularmente matriculadas no Mestrado Profissional em Educação do Campo, UFRB-CFP, durante as Etapas de Tempo Universidade.

Nosso programa funciona em regime de alternância, atendendo às demandas elaboradas pelos povos do campo para a escolarização, cujos tempos e espaços na zona rural em muito se diferenciam daqueles vivenciados nas escolas urbanas. O projeto pedagógico em alternância possibilita que os sujeitos do campo adequem escolarização-trabalho-vida. O PPGEDUCAMPO, deste modo, construiu seu projeto a partir do funcionamento político proposto para a escola do campo. Consiste assim em integralizar as horas exigidas ao mestrado, por meio do tempo universidade- horas presenciais – e tempo comunidade - horas vivenciadas na comunidade, movimento social e/ou escola. Nestes períodos é desenvolvido o projeto pedagógico do campo consistindo em ações e pedagogias integradas para a formação do ser do campo, quando se enfatiza a reforma agrária popular, a educação voltada ao espaço rural, que tem como fundamento a cultura e trabalho camponês.

A escolha por trabalhar com as discentes de pós-graduação visava dar

continuidade aos estudos sobre permanência materna na universidade, pois tal denúncia (e estudo) já fora feito no ano de 2018, através do meu trabalho de conclusão de curso na licenciatura em educação do campo. Naquela monografia versávamos sobre as dificuldades encontradas pelas discentes em vivenciar, conjuntamente, a universidade e a experiência materna. A expectativa que o curso de licenciatura em educação do campo causara é de que houvesse uma postura docente e administrativa diferenciada e compreensiva com as mães, devido o histórico de lutas deste campo político de saber. Contudo, isso não se realizou, nem muito menos resultou em qualquer política inclusiva, apesar das demandas colocadas por jovens negras. Hoje, no Mestrado, ainda não há iniciativas de atendimento às mães estudantes camponesas. Este projeto, neste sentido, é pioneiro.

Considerando a sociedade machista patriarcal na qual vivemos, tornou-se naturalizado o discurso que a vida da mulher acaba a partir do momento que a gravidez é uma realidade. Aliado a isto está a inexistência de políticas públicas voltadas a atender este público. Não obstante, faz-se necessário ampliar nosso olhar em direção a um tipo de discente nas discussões sobre universidade: as discentes mães negras. Invisibilizadas, porque nos levantamentos realizados até este momento da pesquisa, apenas algumas universidades oferecem uma creche dentro do sistema de assistência a estas discentes mães. E ainda, as mães parecem não existir nas pesquisas que versam sobre os/as discentes universitários/as, como é o caso da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos/as graduandos/as das IFES (2018), referindo-se, no máximo, à condição de casada, o que descarta a especificidade da mãe solteira, por exemplo.

Infelizmente muitas mães, e especialmente as mulheres do campo, não encontram o suporte necessário para continuar na universidade, mesmo que a experiência camponesa não prescindia do gênero feminino para o trabalho, organização familiar, etc. Esta pesquisa mostrará à comunidade acadêmica a luta diária dessas mulheres na UFRB pela permanência na universidade, especificamente apresentando às demandas das mães, sendo urgente a criação de políticas específicas para que a mãe universitária possa ter acesso à educação.

Como já dissemos, a escolha desse tema não ocorreu de forma eventual, pois como afirma Henriques (2016, p.68) para se acreditar numa luta é preciso fazer parte dela, saber as aventuras e desventuras do caminho, andar sem a certeza de que se está no caminho certo. Collins (2019) lendo Audre Lorde descreve a importância que a expressão da voz individual pode ter para a autoafirmação no contexto coletivo das comunidades das mulheres negras. “Alguém pode escrever para um público sem nome e sem rosto, mas o ato de usar a própria voz requer um ouvinte e assim se estabelece uma conexão” (COLLINS, 2019, p.112).

Estudos realizados na UFRB/CFP sobre permanência em Matos (2017); Nunes (2018); Santana (2014), entre outros, apontam uma ínfima existência de política assistencialista voltada a contribuir com a permanência das discentes mães na graduação. Embora na graduação haja esse apoio, não há estudos que demonstrem a existência de tais políticas na pós-graduação, o que torna o processo de permanência desafiador. Vale ressaltar que apenas um dos trabalhos supracitados trata especificadamente da permanência de mulheres mães na Universidade, porém, dois deles também apresentam dados que engloba tal perfil.

Segundo Bittencourt (2013, p.6) “a universidade nunca foi um lugar para crianças, pouco se discute sobre a necessidade de creches dentro do campus universitário para servidoras/es e alunas/os que têm filhos pequenos”. Por outro lado, Menezes et al (2012) afirmam que no Brasil, as mulheres tiveram um acesso tardio à Universidade. No entanto, atualmente, são o maior público ingressante no ensino superior no país e, entre essas mulheres, muitas são mães. Os autores discorrem ainda que haja poucos casos de creches universitárias no Brasil, em comparação com universidades americanas. Em compensação, na Europa existe um cuidado em acolher as mulheres estudantes com responsabilidades familiares:

[...] Se não há creches públicas e gratuitas para essas mães na universidade, isso comprova que a estrutura não é adequável as necessidades da família brasileira, pois há ainda mulheres que desejam ter filhos, contudo a maternidade não deve e não pode ficar sobre sua total responsabilidade neste cenário de expressiva entrada das mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho (BITTENCOURT, 2013 p.21).

Assim, a experiência de vida como graduada e mestranda, mãe,

trabalhadora do campo e negra possibilitou-me a realização desta pesquisa, na perspectiva de produzir este projeto de Ciranda acionado (e em resposta) pelas (às) entrevistas, conversas e reuniões com mulheres mães/negras do Mestrado Profissional em Educação do Campo que conciliam maternidade/vida acadêmica, e a (in) existência de políticas públicas neste contexto.

Em discussão com elas, após construir dados censitários e qualificar por raça, estado civil e presença ou não da maternidade entre as discentes dos anos de 2018 a 2020 do PPGEDUCAMPO, estamos construindo com elas estratégias-soluções, por meio da pesquisa-ação, que minimizem as exclusões diárias que as mães sofrem na vida universitária. Também acionamos a Direção do Centro de Formação de Professores e a Coordenação do Mestrado em Educação do Campo para o debate sobre a permanência de mães na pós-graduação. Neste sentido, estamos produzindo, à modelo dos movimentos sociais do campo, um Projeto de Ciranda bell hooks, que funcionará como projeto político durante o tempo universidade vivenciado pelas mães mulheres negras e camponesas. O recorte racial deve-se aos dados encontrados de 75% de mulheres autodeclaradas negras no PPGEDUCAMPO e às condições desiguais vivenciadas por negras em seu processo de maternagem, historicamente no Brasil.

2 Caminhos Metodológicos

O primeiro passo dado foi classificar nossas colaboradoras a partir do gênero, raça e a existência ou não de filhos/as. De acordo com Vasconcellos e Guedes (2007), com o avanço do uso de tecnologias portáteis, o e-survey apresenta-se como uma ferramenta adequada para atingir o público alvo, considerado a facilidade de auto preenchimento, o baixo custo e a sistematização dos dados, oferecidos pelo Google Formulários. O e-survey foi realizado utilizando o google formulários, sendo composto por trinta e três (33) perguntas de múltipla escolha e de respostas curtas. O link de acesso à página do e-survey foi enviado por e-mail para as discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da UFRB-CFP, após uma carta de apresentação, dos anos de 2018, 2019 e 2020.

Os critérios estabelecidos para esta etapa consistem em ser mãe

(biológica ou não), ser auto declarante como mulher negra e ter alcançado o nível de pós-graduação *strictu sensu* (mestrado) na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Tais dados passarão por análise descritiva, sendo tabelados e apresentados em formatos de gráficos que permitam a fácil interpretação da realidade vivida pelas mães. Os dados coletados por este instrumento metodológico oferecerão possibilidade de traçar um perfil do público aqui estudado, compreendendo alguns aspectos sociais e econômicos de suas vidas. O critério utilizado para escolha deste instrumento para obtenção de dados deu-se, principalmente ao fato de que as discentes mães do Programa de Pós-graduação, em sua maioria residir em outras cidades/estados, longe da sede física de onde está o PPGEDUCAMPO.

Nossa intenção é, a partir daí, construir os caminhos necessários para a melhor apreensão do objeto de estudo e suas conclusões. Assim sendo, Deslandes, Gomes e Minayo (2016, p.14) afirmam que metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem (o método), os instrumentos de operacionização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do/a pesquisador/a (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade). Ainda, segundo as autoras e o autor supracitados/as, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas.

Para Harding citada em Sardenberg (2002), diferente do que muito se diz na academia, não existe um método feminista de coleta de dados. Contudo, existe uma maneira feminista de fazer ciências e de utilizar estas técnicas tradicionais valorizando as experiências e os pontos de vistas dos sujeitos marginalizados questionando, assim, o conhecimento dominante produzido até então. Deste modo, para ouvir sujeitos marginalizados é necessário ir até eles/elas e com eles/elas construir caminhos, sem as imposições dominantes dos métodos.

2.1 Pesquisa Qualitativa

Segundo Severino (2007, p. 120), a pesquisa qualitativa do tipo participante é aquela em que o/a pesquisador/a, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa. Dessa forma,

André e Ludke (2004, p.11) trazem sua contribuição a respeito da pesquisa qualitativa, afirmando que a mesma tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o/a pesquisador/a seu principal instrumento, ou seja, a pesquisa qualitativa presume o contato direto e prolongado do/a pesquisador/a com o ambiente e o objeto investigado. Desta feita, o convívio durante o tempo universidade durante e posterior à pandemia de COVID 2019, nos possibilitou construir relações diversas, utilizando-nos dos encontros *on line* e, posteriormente, dos encontros presenciais, com vistas a obter as experiências diferenciadas vividas pelas discentes negras com seus filhos e a pós-graduação em tempos de doença. Encontramo-nos em momentos de reuniões conjuntas de discentes e egressos/as, promovidas pelo Mestrado. Ouvimos partilhas em momentos de mística.

Procuramos considerar que a experiência da maternidade já é permeada por intempéries cotidianas vivenciada por mães e filhos/as, embora, obviamente, a pandemia tenha alterado significativamente as relações entre vida acadêmica e maternidade. Descreveremos e analisaremos estas relações, promovendo a construção de situações problema e de estratégias soluções (falaremos adiante), qualificando os dados apresentados pelas discentes.

A pesquisa qualitativa se fundamenta na busca da solução de problemas práticos, onde o/a pesquisador/a se debruça em descobrir resposta para um determinado problema para descrever um acontecimento de forma satisfatória. A respeito disso, André e Ludke (2004) trazem ainda que a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritos, adquiridos no contato direto do/a pesquisador/a com a situação estudada, e enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos/as participantes (p. 13).

2.2 Pesquisa-Ação

Atualmente no Brasil, bem como em outros países, a pesquisa-ação vem sendo aplicada em diversos campos de atuação, seja na educação, comunicação, organização, serviço social, dentre outros (THIOLLENT, 1986, p.8). Ainda, segundo o autor, a pesquisa-ação e a pesquisa participante estão ganhando relevância em vários meios sociais, no entanto, vem sendo confrontada, especialmente por parte de alguns partidários da metodologia

convencional, que as percebe como ameaça, supondo que as mesmas podem causar rebaixamento do nível de exigência acadêmica. Entendemos que tal compreensão tem um caráter ideológico, uma vez que tal percepção está eivada de uma suposta neutralidade por parte do/a pesquisador/a. Contudo, na medida em que nos envolvemos no debate coletivo sobre as maternidades negras podemos construir dados excluídos das perspectivas tradicionais sobre maternidades, além de que a implicação do/a pesquisador/a possibilita a sistematização de seu lugar de exercício de poder, deixando mais nítido as condições da pesquisa.

Thiollent (1986, p.19) considera que "a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas". Cabe ao/a pesquisador/a defrontar-se com situações problemas, construídas coletivamente, que visam também gerar estratégias-soluções. Desse modo, numa pesquisa-ação, o/a pesquisador/a e os/as participantes estão imbricados/as, porque o objetivo é tentar solucionar algum problema, ir adiante ao debate sobre determinada questão e isto precisa acontecer de forma cooperativa. No entanto, precisa existir um papel bastante ativo do/a pesquisador/a na própria realidade onde acontecem os fatos. Para tanto, faz-se necessário entender que a prática da pesquisa-ação gera a pesquisa de campo, ou seja, a mesma só poderá ser realizada se o/a pesquisador/a estiver implicado/a e em campo.

2.3 Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo também é um caminho metodológico de grande valor no desenvolvimento e na compreensão do tema, pois a mesma se constitui no levantamento dos dados onde os fenômenos acontecem, permitindo a aproximação de forma direta com o objeto de estudo e ainda, traz consigo princípios interessantes que norteiam o/a pesquisador/a. Nesta perspectiva, Gonsalves (2001, p.67) afirma que pesquisa de campo "(...) é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto". Nesse caso, o/a pesquisador/a precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou

ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Fica evidente que a pesquisa de campo possui importantes características, as quais tornam o encontro do/a pesquisador/a com o espaço e o fenômeno a ser pesquisado um momento de extrema importância na geração de ações conjuntas, no caso da pesquisa-ação.

2.4 O local de produção da pesquisa

O campo empírico de nossa pesquisa foi (é) o Centro de formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), localizado na Avenida Nestor de Melo Pita, nº. 535, Centro, na cidade de Amargosa/BA, sendo um dos municípios que compõe o Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, distando 240 km da capital do Estado, Salvador. O município possui uma população total de 37.081, sendo a população urbana de 24.891 habitantes e uma população rural de 9.460 habitantes¹. Mesmo tendo uma população urbana maior do que a rural, Amargosa é uma cidade do interior da Bahia, e como muitas outras, sua economia está baseada na atividade agrícola. O Vale do Jiquiriçá está localizado na região Centro-Sul da Bahia e é composto por vinte municípios.

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) foi criada em 2006, sendo fruto das reivindicações dos movimentos sociais do recôncavo, entre eles, aqueles oriundos do campo e das comunidades tradicionais. Hoje, a universidade possui 61 cursos, atendendo a 10.923 estudantes de graduação, em sua maioria autodeclarados negros (81,8%) e vindos de famílias com renda per capita mensal de até um salário mínimo e meio (86,5%). Um percentual de 57,6% é do gênero feminino (dados PROGRAD/ UFRB/2022). Em 2020, haviam 829 discentes matriculados/as na pós-graduação na UFRB, destes 81 estavam no Centro de Formação de Professores.

O campus de Amargosa, onde fica o Centro de Formação de Professores, foi criado em 2008 e, como nome já diz forma professores/as habilitados em pedagogia, ciências agrárias /educação do campo, filosofia, química, matemática, física, educação física, letras (língua portuguesa, língua inglesa e libras). Possui três mestrados, sendo eles em Educação do Campo, Química e

¹ A maior cidade do Vale do Jiquiriçá, Jaguaquara, possui 51 mil habitantes.

Filosofia, todos na modalidade profissional. O Mestrado Profissional em Educação do Campo, único do Brasil (em educação do campo) possui 10 anos de existência, tendo formado 194 mestres/as.

2.5 Sujeitos e instrumentos de pesquisa

Nesta perspectiva, o referencial metodológico da pesquisa em tela constitui-se por meio da abordagem qualitativa e da metodologia da pesquisa-ação, utilizando-se da pesquisa de campo para compreender as relações entre maternidade negra e vida acadêmica no Mestrado Profissional em Educação do Campo e a (in) existência de políticas públicas nesse contexto. Consideramos que um dos critérios de ingresso no programa é a atuação no campo profissional. Contudo, essa prerrogativa não oferece garantia de condições de permanência. Deste modo, as mulheres mães negras da pós-graduação em educação do campo são os sujeitos desta pesquisa. Primeiramente, entenderemos como as mães negras compreendem a si mesmas e a partir desta compreensão buscaremos, em conjunto, uma estratégia-solução para a garantia da permanência, como é próprio da pesquisa-ação.

Ao entendermos o contexto das mães mulheres negras camponesas e sua percepção da maternidade/academia, nos dispusemos em construir um projeto em conjunto com elas. Será desafiador, ao mesmo tempo gratificante, tendo em vista que sou atravessada por toda construção histórica e social. Desse modo, enquanto mulher negra do campo e mãe sinto-me no dever de assumir uma posição política na perspectiva do fomento, da criação e efetivação de políticas públicas que ultrapassem as barreiras que impedem o pleno progresso acadêmico e social de mulheres/mães/universitárias.

Este projeto, que será fruto final desta pós-graduação, denominar-se-à Projeto de Ciranda bell hooks (*In memoriam*) e tem como objetivo oferecer um espaço educativo de cultura, de formação, de cuidado e de recreação educativa para os/as filhos/as das discentes, regularmente matriculadas no Mestrado Profissional em Educação do Campo, durante as etapas de Tempo Universidade.

Considerando a abrangência do Programa e as dificuldades em reuni-las em num mesmo espaço e tempo e, ainda, para alcançar os objetivos aqui

apresentados escolheu-se utilizar um misto de métodos qualitativos de coleta e análise dos dados como a pesquisa participante, reuniões *on line* e presencial, as entrevistas semi-estruturadas, pois segundo Ludke e André (2004) a escolha do método se faz em função do tipo de problema estudado (p.15). Ainda de acordo com as autoras, em geral, o/a pesquisador/a desenvolve sua investigação passando por três etapas: exploração, decisão e descoberta.

Para a codificação do nome das entrevistadas, e preservação das suas identidades, foram utilizados nomes de escritoras negras, como forma de homenagear mulheres tão necessárias na literatura negra, no Brasil e no mundo.

3 Reflexões sobre da maternidade negra e pós-graduação

Historicamente, a sociedade vem tentando negar a importância da mulher, e principalmente, das negras e indígenas. Ouso em ir mais longe, o sistema quer nos matar, se pensarmos nas inúmeras exclusões na saúde, na educação, sem falar na precariedade das políticas de segurança, que mais nos acionam para morte do que para a vida. Somos percebidas como símbolo de reprodução e hipersexualização, fortes, boas de parir, não somos vistas como seres humanos (desde o processo de objetificação do qual fomos e somos vítimas com a colonização e escravatura) e, por isso, devemos sofrer todo tipo de violência racial, de gênero e violência obstétrica.

A mulher negra está sempre rompendo paradigmas, driblando empecilhos, inventando uma nova rota e, por muitas vezes, se anulando em favor de outrem. Seja pela família, pelo trabalho, pela carreira profissional, dentre outros. Na peça Mãe, de José de Alencar, publicada em 1860, é exposto o quão extremo pode chegar a renúncia e o sacrifício de uma mãe por seu filho. Trata-se da história de uma “mulata” chamada Joana. Esta era mãe de Jorge e seu pai, um homem branco, que a comprara de outro senhor branco ao saber da gravidez. Ele faleceu logo após o nascimento de Jorge. Joana, então, temendo que seu filho não fosse aceito pela sociedade, por ser filho de escrava, o criou como se fosse sua ama de leite. Joana é a personificação da negra submissa, fruto das exclusões raciais. Estava sempre a serviço de Jorge, seu filho, sempre em segundo plano. Representada de maneira extremamente altruísta, bondosa e submissa, isso a colocava em um lugar de inferioridade em relação ao

considerado superior, nesse caso, o homem branco. A escravizada vive as “agonias” da maternidade sem revelar-se mãe, o que culmina em sacrifícios tão pesados que resultam em seu suicídio.

A dramaturgia de José de Alencar, apesar de seu conhecido conservadorismo, mostra as ambigüidades de ser mãe negra e escravizada e pode ser considerado um documento de rastros históricos do oitocentos. No mínimo, podemos ver que as pessoas negras vivem humanamente a condição da maternidade.

Por muito tempo a maternidade negra foi objetificada e mitificada. Negros/as eram vistos como pessoas cuja vivência familiar era impossível, por conta do processo de escravização e, desta forma, a produção científica, por muito tempo invisibilizou trajetórias, histórias sociais, relações familiares e de afeto. Na verdade, as pesquisas apontavam que, devido à extrema violência da escravização, pessoas negras haviam se degenerado e perdido suas características de sociabilidade. Fruto de métodos eurocêntricos, a ciência negou, por séculos, o conhecimento produzido pela população e cientistas negros, bem como saberes tradicionais. À esteira disso, a visão dominante ressaltava que as famílias negras eram inacessíveis e impossíveis. A partir da década de 80, a historiografia acessou fontes e produziu metodologias que tornou mais visível a vida e sociabilidade negra, não por auto convencimento, mas fruto da movimentação de negros/as por direitos civis e políticos. Entretanto, não se podem descartar as características neuróticas da cultura brasileira que, segundo Lélia Gonzalez (1984) gerou um racismo por denegação. Para ela, as impossibilidades de negar a participação negra na construção da sociedade brasileira são vistas pelos “atos falhos” da memória em contraposição à ação racional da consciência, movida pela seletividade racista. O Brasil seria essa nação que é negra, mas nega-se a si a todo o momento.

A peça Mãe, antes de ser algo de séculos passados, mostra dados que também constituem a nossa sociedade contemporânea, tendo em vista que a população negra vive lugares sociais ambíguos e desiguais. Não é raro uma mãe negra que cuida de filhos de brancos, mesmo sem os devidos direitos trabalhistas, enquanto os/as seus/suas sequer têm direito à creche ou educação infantil. Tomando esta peça de forma ilustrativa e imaginando-a para além dela, podemos falar sobre a tensão vivida pelas mulheres que decidem continuar os

estudos acadêmicos e seguir carreira científica. Pode-se notar que a opção, por vezes, é procrastinar possíveis projetos de matrimônio e maternidade ou abrir mão, definitivamente. A relação entre maternidade e carreira tem se constituído como um problema para as mulheres modernas.

Beltrame e Donelli (2012) afirmam que no âmbito político brasileiro, foi discutida a perspectiva de conciliação da maternidade e carreira e postergar a separação mãe-bebê. O direito constitucional da licença maternidade, atualmente, faz valer esse momento entre mãe e filho nos primeiros quatro meses de vida do bebê. No entanto, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o aumento da licença-maternidade de 120 para 180 dias; porém, a extensão não é obrigatória.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2010), pesquisas internacionais apontam que a manutenção do vínculo entre a mãe e o bebê após seu nascimento é intensificado pelo convívio entre ambos, gerando uma sensação de maior bem-estar à criança e uma maior probabilidade de boa saúde mental ao mesmo (BELTRAME e DONELLI, 2012, p.210).

Sobre maternidade e a pós-graduação pode-se afirmar que os progressos que certificaram a inserção das mulheres brancas na esfera pública acarretara em novas demandas para a mulher moderna. Dentre estas, destacam-se a construção de boa carreira profissional, de preferência bem remunerada, extenso reconhecimento, sem perder de vista o cuidado com o bem estar. Quando se trata de mulheres negras estas demandas vêm interseccionada às configurações racistas das instituições sociais e todas as tecnologias sociais racistas construídas ao longo dos séculos. Como já dissemos, a universidade é uma destas instituições, aonde o vigor do racismo se conduz político e epistemologicamente na produção do conhecimento e do convívio na academia. Com a grande demanda de mulheres de todas as raças que vem ocupando o ambiente universitário, mães pós-graduandas lidam com a necessidade de construir suas carreiras e, paralelamente, seus currículos *lattes*. Para além dessas demandas, ainda recai sobre nós as cobranças sociais de sermos “boas mães”, principalmente no caso de mães negras, as quais carregam o fardo das relações raciais que envolvem as situações dentro e fora deste ambiente, destacando-se a necessidade imposta pelo racismo de ‘ser melhor que as outras’.

Patrícia Hill Collins (2019) propõe importantes conceitos para compreender os mecanismos de opressão das mulheres negras e mostra como essas desenvolveram conhecimentos estratégicos para enfrentá-los. São construídas imagens estereotipadas das mulheres negras como “gostasas”, “mulher independente do Estado”, “matriarca”, “Mamy Negra”, já que opressões interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade não poderiam continuar a existir sem justificativas ideológicas poderosas (COLLINS, 2019, p.136). Desafiar essas imagens de controle é um dos principais temas do feminismo negro. Imagens de controle são traçadas para que o racismo, sexismo, pobreza ou outras injustiças sociais sejam naturalizadas e inevitáveis na vida cotidiana. São produzidas para subjugar mulheres negras e são ferramentas para manter as opressões interseccionais, fundamentadas nas ideologias dominantes e racistas, as quais incitaram a criação de diversas imagens de controle interrelacionadas e, socialmente construídas, da condição da mulher negra que refletia (e reflete) o interesse de um grupo em manter sua subordinação.

A universidade, as mídias e as agências culturais complementares constituem esferas importantes de reprodução dessas imagens de controle. Padrões dominantes de beleza, corpo, cabelo, roupas, cor de pele estão em evidência a todo o momento. A construção de novas realidades sociais por mulheres negras é recorrente no pensamento feminista negro. A autora destaca que, uma das formas de sobreviver ao desrespeito cotidiano e aos ataques diretos inerentes às imagens de controle é saber e se rebelar: “(...) é nesse momento que o silêncio se transforma em fala que aqui tudo se transforma em ação” (COLLINS, 2019, p. 177).

Deste modo, pensar na produção do Mestrado em Educação do Campo é um desafio. Pensar a maternidade negra, interseccionando a dados sobre o campo brasileiro é fundamental para que possamos falar de permanência das mães na universidade. Para isso há de se incluir a historicidade de mulheres negras no campo desde o Brasil Colônia como seres altamente violentados e explorados. Mas, para acessar o legado de mulheres negras precisa-se ir além da condição violenta da escravização e visionar mulheres como fontes de saber e legado no campo. Compreende-se a educação do campo enquanto um projeto de educação contra hegemônico que deve acessar esse legado negro feminino. A contra hegemonia mostra um olhar sobre as questões que permeiam a

realidade daqueles/as que historicamente foram/são expurgados/as do projeto pensado pelas elites que exclui as minorias e mantém o *status quo* da sociedade.

O termo educação do campo, enfatizado atualmente pelas políticas públicas é um conceito novo em construção, que surge para amenizar ou reparar um processo de desigualdade social excludente, marcado por constantes lutas de classes, tendo como apoio a Igreja, os movimentos sociais do campo e os sindicatos. Contudo, as construções camponesas são anteriores à “educação do campo”, quando se sistematiza as lutas camponesas contemporâneas. A partir da década de 80, esse movimento por uma educação pública no campo se avoluma adquirindo aliados nas universidades, escolas e instituições culturais. Como política pública, esta delineada mais objetivamente a partir das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo (Resolução CNE/CEB 1, 03/04/2002); da Política Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA (Decreto nº. 7.352, 04/11/2010); do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO (Minuta Original, 2006) é que a educação do campo foi observada e incluída nas perspectivas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/1996). (UFRB, 2013).

Antes de tudo, a Educação do Campo é um movimento de luta pela terra, porque sem terra não há vida, não há escola, não há educação, não há esperança para a enorme população rural brasileira, uma vez que as conseqüências de não fixar as pessoas no campo já foi vista na história de nosso país. E por falar em terra, a Educação do Campo exerce um papel crucial na rotina da mulher negra da roça, pois sua vida, não pode ser deixada de lado quando a mesma ingressa na Universidade. Muitas dessas mulheres dão continuidade às suas atividades no campo, pois precisam cultivar a terra, atuar nos movimentos sociais e sindicais, etc., criar seus filhos, ou seja, reproduzir sua força de trabalho no campo, e, portanto, necessitam de condições efetivas de permanência.

Diante disso, a Educação do Campo não existe sem a força da mulher. É a mulher do campo que dá sustentabilidade à existência da vida no espaço camponês, está também no trabalho e na organização social e da família, base da pequena propriedade rural. A mulher, mãe ou não exerce um papel muito importante no desenvolvimento do campo brasileiro. Tratando-se da importância do trabalho da mulher para a reprodução da vida no campo, não se pode negar

uma reflexão, a respeito da abordagem analítica sobre o gênero, visando, uma melhor compreensão de como acontecem as relações entre homens e mulheres, entendendo que estas são permeadas por desigualdades. Mesmo não sendo este o objeto desta pesquisa, não podemos deixar de ressaltar que não é possível falar do campo sem denunciar as relações conservadoras que norteiam as vivências entre gêneros. A maternidade não sai ileso dessas desigualdades, antes pelo contrário isso somente agrava a situação vivenciada pelas mulheres quando adentram o ensino superior e a pós-graduação.

3.1 A Ciranda bell hooks

O produto final deste trabalho será um Projeto de Ciranda denominado bell hooks. Por que Projeto de Ciranda bell hooks? bell hooks (1952-2021) foi uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista e feminista. Batizada com o nome de Gloria Jean Watkins nasceu em Hopkinsville, ao sul dos Estados Unidos da América (EUA), em 25 de setembro de 1952. Com uma longa trajetória acadêmica, bell escreveu e publicou mais de trinta livros, em que apresenta sua visão de mundo empática e de resistência. O nome foi escolhido como homenagem à sua avó, Bell Blair Hooks, mãe de sua mãe. bellhooks faleceu aos 69 anos no dia 15 de dezembro de 2021, em Kentucky, EUA.

Os temas que defendia em sua obra são a luta contra o racismo, a importância do amor, a desigualdade social e de gênero e a crítica ao sistema capitalista. hooks tem uma vasta produção no campo da educação, ao qual se dedicou anos antes de seu falecimento. O nome que a escritora adotou – bell hooks, se escreve com letras minúsculas. Essa foi uma maneira que ela encontrou de evidenciar a importância de seus escritos e legado, e não de sua figura, evitando assim um personalismo, valorizando a coletividade. Foi uma mulher negra que dialogou com os ensinamentos de Paulo Freire, sendo suas obras sobre educação fruto deste diálogo.

Através de seus escritos, bell nos ensina que devemos ter opinião própria, saber discordar e se manifestar diante de cenários de injustiças. Igualar-se a uma figura de autoridade quando um oprimido precisa de apoio. Diferenciar-se como mulher negra e compreender as opressões que se cruzam na sua

existência. Educar para transgredir também é um de seus lemas.

O Projeto de Ciranda bell hooks será resultado da pesquisa sobre a compreensão das mulheres mães negras camponesas sobre maternidade e vida acadêmica. Estamos em discussão com a Direção do Centro de Formação de Professores, a Coordenação do Mestrado e a representação estudantil sobre a viabilização do Projeto, nomeando as dificuldades e pretensões políticas para que se torne realidade. As representantes foram nomeadas pelo coletivo e construímos uma agenda com esses/as sujeitos.

Já existem projetos de Ciranda em instâncias dos movimentos sociais em educação do campo. O mais conhecido deles acontece no âmbito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Barros (2013, p.130) traz uma experiência de Cirandas no MST do Ceará. “Em seu início, a Ciranda foi pensada com o intuito de ampliar a participação das mulheres nos espaços organizativos e de luta do Movimento. Ao mesmo tempo, também passou a ser compreendida, pensada e planejada como um direito das crianças”. A autora define Ciranda Infantil como:

[...] um espaço educativo de vivência, da experiência de ser criança Sem Terrinha, de brincar, jogar, cantar, cultivar a mística, de cultivar como aprendizado o sentimento de pertença ao MST, de perceber os valores como lastro de sua formação. As múltiplas dimensões do ser social, combinados aos valores que se quer afirmar como conteúdo da luta social estão presentes nessa elaboração (BARROS, 2013, p. 132).

Sobre a importância deste espaço educativa dentro do MST, a autora continua dizendo que enquanto a outra parte da família se dedica aos estudos, às plenárias ou debates, as crianças também estão por perto recebendo cuidado e sendo formadas com qualidade.

Diante do exposto, aplicando à realidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, fica evidente o quanto é necessária à construção de uma Ciranda infantil, que atenda às mães discentes do programa, tendo em vista a importância de um espaço dessa qualidade, tanto para as mães estudantes, quanto para os/as seus/suas filhos/as. Assim, terão no espaço acadêmico a tranquilidade de saber que as crianças estarão em um espaço seguro e educativo. O que contribuirá nos aspectos formativos, financeiros, logísticos e emocionais das mães universitárias, como também na educação dos/as pequenos/as.

3 Considerações Finais

A chegada de uma criança se configura um desafio que transforma substancialmente a vida das mulheres e reflete em forma de dificuldade ao longo de suas trajetórias. No que tange as discentes mães, as especificidades desta chegada requerem demandas diretivas, necessitam de uma rede de apoio para permanecerem na Universidade.

Dias e Soares (2018) trazem um mapeamento da vida social, econômica e cultural dos estudantes de graduação das Universidades Federais brasileiras, realizados em 2014, divulgada em 2016, onde foi apontada a necessidade de ampliação das ações das políticas de assistência estudantil e dos recursos destinados a esta finalidade, bem como transformá-la em política de Estado, para fortalecê-la e superar os desafios que a Universidade cada vez mais feminina, negra e popular coloca para uma sociedade permeada de desigualdades sociais históricas (DIAS; SOARES, 2018. p. 8).

Segundo as autoras, 11,78% de todos os (as) discentes das IFES possuem filhos, sendo que a maioria deles/as são constrangidos/as a deixar seus /suas filhos/as sozinhos/as, levar para universidade ou deixar com outro familiar dada a insuficiência de creches no país. Pesquisas anteriores, de 2010/2011, já apontavam esta necessidade, uma vez que revelou que 53,5% dos/as estudantes das Universidades Federais são mulheres e há um elevado percentual de estudantes com filhos/as que utilizam as creches oferecidas pelas 19 Universidades Federais que possuem o equipamento social (DIAS; SOARES, 2018, p.8).

Nunes (2018) afirma que existência de creches nas universidades é produto da luta das mulheres trabalhadoras iniciada nos anos 70. Segundo dados levantados pela autora, a primeira creche universitária foi criada em 1971 na Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) inaugura a sua em 1972. No entanto, as reivindicações da comunidade universitária levaram à inauguração de mais quatro unidades, na década de 70 e 80, e até 1992 foram inauguradas quinze novas unidades (NUNES, 2018, p.62). É preciso também dizer que a CAPES permite o registro da licença maternidade e a recontagem do tempo para conclusão do curso de

pós-graduação.

Diante do exposto, é notória escassez de creches no interior das IES, sendo que, segundo levantamentos a última fora instalada há aproximadamente duas décadas. No nosso projeto estamos construindo uma propositura que indica pedagogias do campo para a construção da Ciranda bell hooks, bem como aponta diretrizes para seu funcionamento, baseando-nos na experiência de cuidado das mulheres negras e dos movimentos sociais do campo. Temos uma proporção de 84% de mulheres negras na pós-graduação no CFP e são elas que indicam, em nosso trabalho, as necessidades e as pedagogias de nossa Ciranda e problematizam as exclusões e afirmações de mães na vida universitária. Em anexo ao Projeto de Ciranda bell hooks traremos histórias infantis escritas por mulheres negras camponesas. Traremos também outras de domínio público que poderão ser utilizadas na Ciranda. Queremos assim que mulheres negras e mães tenham mais felicidade em ingressar na academia, especialmente na pós-graduação, sem sofrimentos maiores.

Referências

BARROS, Monyse Ravenna de Sousa. **Os Sem Terrinha: Uma história da Luta Social no Brasil (1981-2012)**, Fortaleza 2013.

BELTRAME, Greyce Rocha. DONELLI, Tagma Marina Schneider. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, 38-39, p.206-217, maio/dez. 2012.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico. Sabedoria prática**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

BITENCOURT, S. M. Maternidade e Universidade: Desafios para a Construção de uma Igualdade de Gênero. **41º Encontro Anual da ANPOCS**, 2017.

COLLINS, Patrícia. Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. **Análise Psicológica**, 3 (XVI)., p 365-371, 1998.

CRUZ DAS ALMAS. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Resolução 019 /2016: Dispõe sobre aprovação do Regulamento de Estágio Supervisionado da Licenciatura em Educação do Campo, Área de Ciências Agrárias, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2016. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/soc/atas-e-resolucoes>

DESLANDES, Suely Ferreira. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. (Manuais Acadêmicos)**. Ed. Vozes: Petrópolis/ RJ, 2016.

DIAS, Marly de Jesus. SOARES, Brenda Vanessa Pereira. Creche nas Universidades: um debate necessário para o ingresso e permanência de estudantes-mães na Graduação. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, UFES, Vitória/ES, dez. 2018.

ESTEVES. Cristina. Resignificando a maternidade psicanálise e literatura. **Revista Gênero**, v.5.nº2, p.65-79, Niterói, 2005.

FERNANDES, D. L.; SANTOS, D. B. R. A (Re) existência da Política de Ações Afirmativas na UFRB diante das movimentações contrárias à educação. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 4, n. 3, 2018. DOI: 10.23899/relacult.v4i3.1094. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1094>. Acesso em: 9 jan. 2024.

FREITAS, Henrique; OLIVEIRA, Mírian; SACCOL, Amarolinda Zaneta; MOSCAROLA, Jean. O método de pesquisa Survey. **Revista de Administração**, São Paulo. V. 35, n3, p.105-112, julho/setembro, 2000.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação a Pesquisa Científica**. Campinas, SP. ed. Alínia, 2001.

<https://pt.scribd.com/doc/94129626/Iniciacao-a-pesquisa-cientifica-Elisa-PereiraGonsalves> acesso em: 14/ de Fevereiro de 2022.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, 1984.

HENRIQUES, Cibele da Silva. **Mulher, universitária, trabalhadora, negra e mãe: a luta das alunas mães trabalhadoras negras pelo direito a educação superior no Brasil**. ANDES – SN, Rio de Janeiro, Jun. 2016.

[https://www.ebiografia.com/bell_hooks/#:~:text=bell%20hooks%20\(1952%2D2021\),25%20de%20setembro%20de%201952](https://www.ebiografia.com/bell_hooks/#:~:text=bell%20hooks%20(1952%2D2021),25%20de%20setembro%20de%201952). Acesso: maio 2022.

LUDKE. Menga; ANDRÉ. Marli E. D. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. (temas básicos de educação e ensino)**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária LTDA, 1986.

MATOS, Luma Silva. Acesso e Permanência dos Estudantes da Licenciatura em Educação do Campo no Ensino Superior, **Dissertação** (Mestrado Profissional em Educação do Campo), Programa de Pós Graduação em Educação do Campo. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, Bahia, 2017.

MENEZES, R. D. S., SANTOS, T. S. D., VELOSO, N. D. O, FREITAS, V. N. D.; SANTOS, M. S. Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Construção Psicopedagógica**, 20 (21), 23-47, 2012.

NUNES. Marly dos Santos. Acesso e Permanência das mães universitárias do campo: um estudo sobre o Curso de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). **Monografia (graduação)**, Amargosa, Bahia, 2018.

SANTANA, Viviane dos Santos. Eu, Preta, Mulher...Universitária. **Monografia (graduação)**, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, Bahia, 2014.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In **SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar; COSTA, Ana Alice Alcântara (Org.). Feminismo, Ciência e Tecnologia. Salvador: Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Universidade Federal da Bahia, 2002. v. 8. (Coleção Bahianas).**

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científica**, São Paulo: Cortez. 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.